

Sacilotto reafirma sua ideologia visual em mostra

Pioneiro da arte concreta abre exposição com toda sua produção de gravuras no Espaço Unicid e diz ao 'Estado' que sua preocupação imediata é trocar a bateria do marcapasso

JOTABÉ MEDEIROS

O artista plástico Luís Sacilotto foi um dos pioneiros da arte concreta no País, já nos anos 40, e foi um dos signatários do manifesto do Grupo Ruptura, em 1952, ao lado de Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux, Leopoldo Haar, Kazimir Fejer e Anatol Wladislaw. E foi também uma das atrações da primeira Bienal de São Paulo, em 1951, aos 27 anos.

Apesar do reconhecimento internacional e da hostilidade com que sua obra foi tratada inicialmente, Sacilotto mantém-se hoje, aos 76 anos, um homem extremamente cordial e atencioso, além de um militante humanista. "Se estou bem?", ele devolve a pergunta, em entrevista ao 'Estado'. "Mas ou menos, preciso trocar a bateria do marcapasso."

No dia 17, o artista tem mais um aspecto de sua obra apresentado ao grande público, em exposição de gravuras no Espaço de Artes Unicid, em São Paulo (Rua Cesário Galeno, 475, Tatuapé - Estação Carrão do Metrô). São 35 gravuras, em off-set, litografia e serigrafia, esta última técnica na qual ele esteve "muito interessado" nos anos 60 e 70.

Apesar do prestígio, a obra de Sacilotto não vem sendo revista com a atenção que merece. A última retrospectiva dele ocorreu em 1980, no MAM, com 130 obras. Em 1995, o escritório de arte Sylvio Nery da Fonseca mostrou suas telas abstratas mais antigas. Essa é mais uma boa ocasião para conhecer um artista singular.

Além da mostra, também será lançado um livro sobre a obra de Sacilotto, pelo crítico Enock Sacramento. E há até uma licença artística politicamente correta prevista: o educador e artista plástico Alfonso Ballesterro reproduziu 12 das gravuras do concretista em relevo, em cerâmica, para que sejam apreciadas por grupos de portadores de deficiência visual.

Estado - O sr. foi serralheiro e projetista de esquadrias metálicas para poder sustentar sua pintura, no início. Isso teve algum reflexo direto no seu modo de ver a arte?

Luis Sacilotto - Antes de ser serralheiro, eu trabalhei com desenho de arquitetura. Melhor ainda: o primeiro serviço que eu tive foi desenhando letras na IBM, a primeira empresa de computadores do País. Eu trabalhei como desenhista de alta precisão de letras naqueles cartões de hole-rite. Era o título da empresa em cima, mais o nome do funcionário, as colunas de horas extras, número de peças, um resumo de tudo. Naquela época, não havia fontes tipográficas, era tudo feito à mão. Desenhava e depois aquilo ia para a máquina. Foi uma atividade que me ensinou o rigor, a disciplina do trabalho. Depois, trabalhei com desenho de arquitetura, com Vilanova Artigas e outros.

Estado - Li uma entrevista sua a Nelson Aguilar, na qual o sr. dizia que a arquitetura o comovia imensamente. O que quis dizer exatamente com isso? Que tipo de princípio arquitetônico o comovia mais?

Sacilotto - A arquitetura me comovia pelo traçado. Num folha de papel bidimensional você coloca tudo, paredes, planos. Eu via a arquitetura como uma obra gráfica, que me impressionava muito. E foi numa revista especializada, *Arts and Architecture*, que eu tomei contato pela primeira vez com a obra de Mondrian e Kandinski.

Estado - Em que medida Mondrian influenciou sua vi-

são artística?

Sacilotto - Ele era o mais importante deles, na minha opinião. Mas não me influenciou. Talvez um pouquinho, no começo. Mas, quando eu comecei a fazer obras com retalhos de alumínio, comecei a compor da minha maneira e creio que não houve uma influência no procedimento e na visão, apenas no despertar artístico.

Estado - Num texto antigo de Waldemar Cordeiro, de 1952, ele definia assim a gênese da arte concretista: "O fascínio da máquina decretou o ocaso da beleza naturalista. Os artistas forjaram nova linguagem que pode exprimir o individual, o coletivo, o nacional e o universal a um só tempo." A obra dos artistas concretistas, na era do computador, não adquire um sentido apenas historicista? A linguagem de "planos em movimento" dos concretistas não parece um pouco obsoleta na era das supermáquinas eletrônicas e da Internet?

Sacilotto - Como assim, obsoleta?

Estado - Bom, com um Macintosh, por exemplo, as combinações geométricas de uma obra concreta poderiam adquirir combinações infinitas...

Sacilotto - Mas o artista precisa interferir, a máquina sozinha não faz nada. É apenas uma ferramenta. Não exatamente como foram o pincel e o cinzel, no passado, porque tem outra especificidade, mas uma ferramenta.

Estado - O sr. ainda acredita numa ideologia visual, numa nova cultura visual que se contrapõe continuamente a uma antiga?

Sacilotto - Acredito sim. Nas viagens que fiz à Europa, eu costumava olhar tudo, como eram as ruas, as placas e via signos, mensagens, formas que me impressionavam muito. O que a

gente faz não é o já resolvido. A nossa tendência está apenas começando. Quando olho a TV, quando vejo a Xuxa, não olho aquilo que estão fazendo, mas o que está no fundo, o cenário, o chão, os sinais. O mundo não pára, está em constante mutação e, portanto, a visualidade nunca se esgota.

Estado - Uma dúvida bem pessoal: por que um artista tão universalizado quanto o sr., talvez um dos nossos primeiros grandes artistas globalizados, por assim dizer, insiste em viver no lugar onde nasceu, Santo André? É uma relação afetiva?

Sacilotto - Casa própria... Mas eu vivi grande parte da minha vida aí na Capital. Só vinha aqui para dormir, para comer. No começo, ia e vinha de bonde, eram outros tempos. Daí comecei a trabalhar. Comparo a vida em Santo André com a vida num bairro afastado, foi aqui que tive meus filhos, que me casei.

Estado - Quando o sr. foi figurativo, nos primórdios, fez retratos ilustrando a sua mulher...

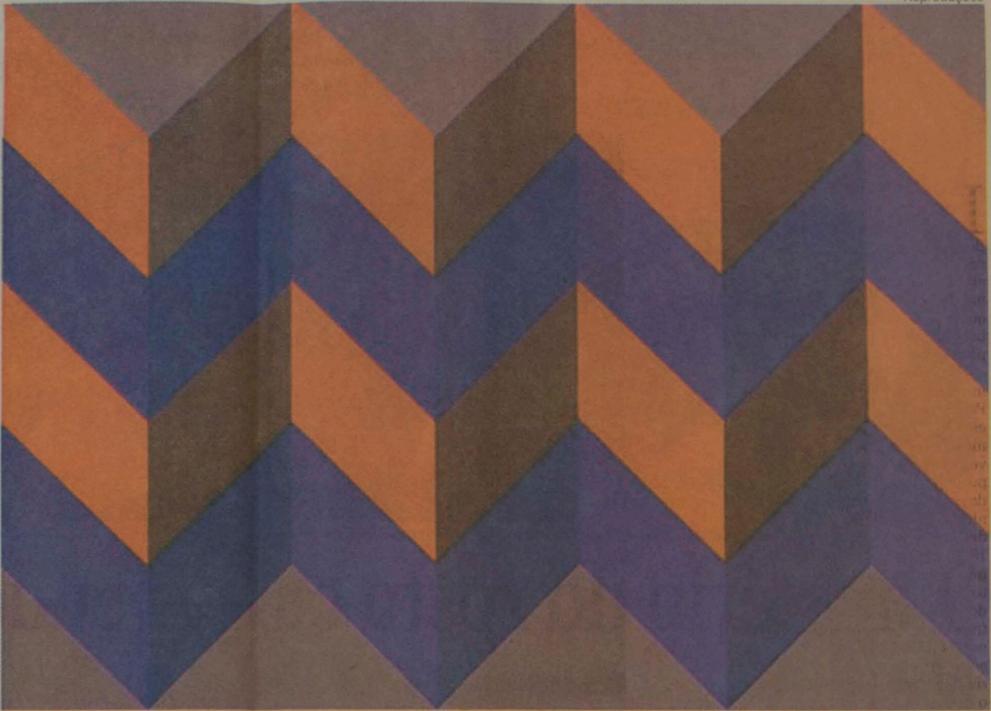
Sacilotto - Era uma medida de economia, para não precisar pagar o modelo. Ela foi a primeira e única mulher, solidária, estamos firmes até hoje. Chama-se Helena. Casamos no início dos anos 50.

Estado - Aquela foi sua única fase figurativa?

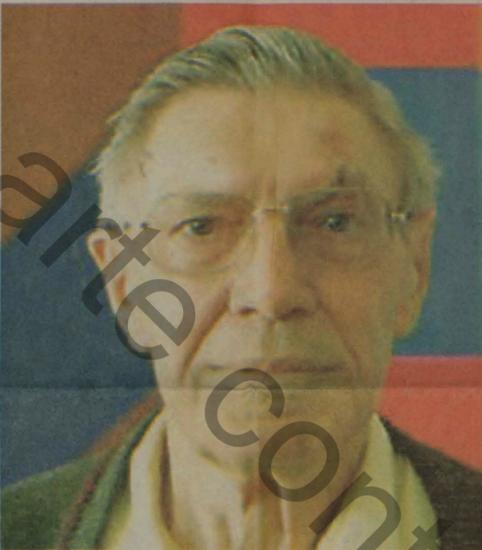
Sacilotto - A última tentativa foi em 1950, com minha mulher e um amigo como modelos. Dali, eu disse "até logo!". Depois, conheci o Grassman e o Otávio Araújo e comecei minha obra de fato.

SERVIÇO

Sacilotto - Obra Gravada Completa. Espaço Unicid (R. Cesário Galeno, 475, Tatuapé, tel. 6190-1310). De 18/10 a 15/12. Grátis



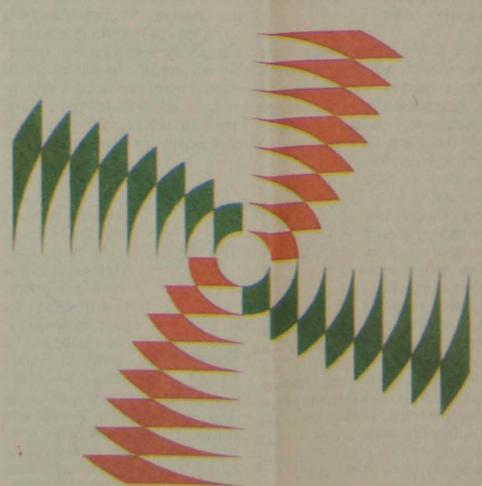
A gravura 'Serigrafia 28' (Edição La Saggiola, Itália), realizada pelo artista Luís Sacilotto em 1991, atração da mostra



O artista plástico Luís Sacilotto, pioneiro da arte concreta



'Serigrafia 19' (1978), um registro da visualidade moderna



'Serigrafia 13' (1978), outro bom trabalho em exposição



'Serigrafia 29', de 1992, composição geométrica do artista

'Não daremos sensação de algum truque velho'

Nos anos 50, assinala o crítico Valter Zanini, concretos visavam a 'pintura nova'

VALTER ZANINI

Deixando a escola, iniciou-se no desenho industrial. Suas idéias já se revelavam à frente do rigor do "industrial design". As combinações funcionais dos serviços de hollerite, com os quais se familiarizou, foram importantes também para que, mais tarde, chegasse à arte abstrata. Falava-lhe, todavia, cultura suficiente para simplificar o rumo.

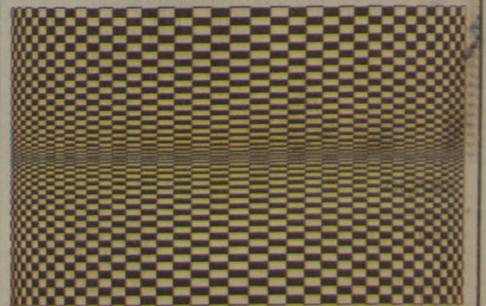
Em companhia de Marcelo Grassman, que conhecera na Escola Profissional, de Otávio Araújo, hoje auxiliar de Portinari, e de Andreatini, que abandonou a pintura por motivo de saúde, realizou sua primeira exposição. Todos revelavam nítidas tendências expressionistas, que nele iriam perdurar alguns anos. Em 1945, com 21 anos, empregou-se num escritório de arquitetura. Descobriu aí um novo e sugestivo mundo: o mundo das plantas e projetos de grande arte. Empolgou-se com o estudo geométrico da superfície, com o vigor e a limpeza da composição, com a distribuição dos elementos representativos no espaço. O sentido bidimensional na planta de um edifício é uma representação abs-

trata. Em contato diário com esses projetos gráficos e sabedor, a essa altura, da existência de movimentos como o Grupo de Stijl e de todas as inovações trazidas por Kandinski, Mondrian e Max Bill, inclinou-se para a pintura não-figurativa.

"A minha tendência para a arte concreta brotou naturalmente, foi uma necessidade de expressão", diz Sacilotto. Já em 1948, ele abandonava a figura humana e o seu expressionismo era fase liquidada. Veio então a amizade com Charoux, Wladislaw, Cordeiro e Geraldo de Barros. Era a gênese do Grupo Ruptura, que tanta celeuma levantou quando da recente exposição no Museu de Arte Moderna.

"Para os que se alistam na grei dos concretistas - afirma o pintor - o próprio abstracionismo está superado. Ele não consegue fugir da surrada terceira dimensão, embora isso não seja feito conscientemente. É verdade que utiliza formas modernas. Sua cromática, porém, é antiga. E nós, os concretistas, queremos fazer pintura nova, utilizando as cores puras, sejam as primárias (vermelho, amarelo, azul) sejam as complementares (laranja, violeta e verde). Assim, nunca teremos a sensação de terceira dimensão ou quaisquer velhos truques."

■ Texto para a 'Tribuna da Imprensa', publicado em 6 de maio de 1953



Tela a óleo, um belo trabalho da fase op-art de Sacilotto